

Projeto ensina a fotografar rituais do Candomblé no DF

Aulas orientarão sobre os limites do que pode ser registrado

Por Isabel Dourado

O Candomblé, religião de matriz africana, profundamente enraizada na ancestralidade, realiza diversas cerimônias sagradas que celebram a conexão entre o mundo terreno e o espiritual. Os rituais evocam os orixás, divindades cultuadas que representam forças da natureza (água, fogo, terra, ar). A relação com o orixá se estabelece através de cantos, danças e oferendas que simbolizam o agradecimento pelas bênçãos recebidas e a purificação do espírito.

Cada toque de atabaque que ecoa nos terreiros de candomblé reafirma a força de uma crença que atravessa gerações. No Instituto Ojuinã, organização religiosa e sem fins lucrativos do Distrito Federal, essa herança ganha novos caminhos de expressão.

Por meio do projeto Territórios Afrocondangos, a instituição realiza a oficina “Olhares Ancestrais: Fotografia de Candomblé e Ritos Afro-brasileiros com celular”, convidando o público a refletir sobre a ética, o respeito e a sensibilidade ao registrar os rituais sagrados. As aulas gratuitas, ministradas pelo fotógrafo Luan Brasil, acontecerão nos dias 7, 8, 14 e 15 de março, das 14h às 18h, no terreiro Ilê Asê Ojuinã localizado no Núcleo Rural Nova Betânia, no Jardim Botânico.

Mais do que ensinar técnicas de enquadramento, luz e ângulo, o curso convida o público a



Aulas acontecerão nos dias 7, 8, 14 e 15 de março no terreiro Ilê Asê Ojuinã

conhecer os ritos do candomblé, religião que ainda sofre com a intolerância religiosa. Os participantes serão orientados a lidar com o sagrado e a compreender o que pode e o que não deve ser fotografado, além de reforçar a ética e o cuidado com imagens de ritos afro-brasileiros.

O Instituto Ojuinã desenvolve vários projetos culturais, sociais e ambientais com o propósito de fortalecer a presença e a valorização das religiões de matriz africana no Distrito Federal. Entre as iniciativas está a oficina de fotografia, que propõe o resgate e a preservação da memória das religiões afro-brasileiras por meio da imagem.

Em entrevista ao Correio da Manhã, o fotógrafo Luan Brasil observa que para registrar os ritos é necessário ter duas qualidades: a primeira é a sensibilidade, e a segunda é o cuidado para não interromper o acontecimento do rito. “A partir do momento que um fotógrafo adentra o terreiro ele precisa ter certa sensibilidade para fotografar aquele rito, e não interromper o acontecimento. Então, a gente vai ter alguns exercícios práticos que vão falar sobre essa proximidade, mas também sobre o distanciamento entre aquele objeto que está sendo fotografado e como fazer uma imagem sem atrapalhar quem está conduzindo o rito.”

A oficina do Instituto também

deve tratar sobre precificação e comercialização de serviços fotográficos considerando as especificidades culturais e econômicas desses espaços. “Existe uma demanda grande de mercado para profissionais que saibam fotografar candomblés. Todo final de semana em Brasília, algum terreiro, alguma casa realiza uma festa pública, realiza seus ritos, então, há uma demanda grande de profissionais qualificados. Vamos ensinar as pessoas a precificarem seu tempo, existe custo de deslocamento, custo de software, mesmo fotografando com o celular”, aponta Luan. As inscrições são limitadas e podem ser feitas pelo instagram do Instituto Ojuinã.

DF: registros policiais caem 42% no início do Carnaval

O Distrito Federal apresentou redução de 42% nos registros policiais até segunda-feira (16), em comparação com o ano anterior, conforme dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF).

O balanço apontou atuação integrada das forças de segurança, emprego de tecnologia e medidas preventivas nos principais pontos de concentração de público, sem registro de episódios graves durante os dias analisados.

Na sexta-feira (13), primeiro dia oficial, a Polícia Civil (PCDF) registrou duas ocorrências em flagrante, ambas envolvendo aparelhos celulares. Um caso foi de furto em via pública, em Águas Claras, e o outro de receptação culposa, em Taguatinga.

Desde sábado (14), o esquema contou com câmeras fixas e drones com transmissão em tempo real ao Centro Integrado de Operações de Brasília (Ciob) e aos centros de comando instalados na Cidade da Segurança, montada no estacionamento da Torre de TV. Neste mesmo dia, as revistas realizadas pela Polícia Militar (PMDF) resultaram na apreensão de 119 armas brancas e na retirada de porções de drogas, além de um spray de pimenta.

No domingo (15), o uso de reconhecimento facial possibilitou a prisão de uma pessoa com mandado em aberto. Além disso, foram apreendidas 142 armas brancas, recuperado um celular e distribuídas 587 pulseiras de identificação infantil. As equipes do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-DF) registraram 168 autos de infração de trânsito, com 91 condutores flagrados após consumo de álcool, além de 22 notificações por uso de celular ao volante, em 586 abordagens veiculares.

Na segunda, o policiamento foi reforçado em 36 eventos, com 2,1 mil agentes. Houve apreensão de 97 armas brancas, lavratura de 14 termos circunstanciados e cumprimento de 1 mandado de prisão. No trânsito, foram aplicados 450 autos de infração e 97 motoristas foram autuados por dirigir sob influência de álcool. O Corpo de Bombeiros Militar (CBMDF) atuou com 287 militares e atendeu 61 ocorrências, a maioria de baixo risco, com apenas três encaminhamentos hospitalares.

Carnaval de Brasília construiu uma identidade própria com blocos locais

Mesmo com pouco mais de seis décadas de existência, Brasília consolidou blocos tradicionais que seguem marcando o Carnaval de rua. Essas agremiações, criadas entre as décadas de 1970 e 1990, anualmente reúnem foliões e preservam manifestações culturais que ajudaram a formar a identidade da capital.

O DF Folia 2026, iniciativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Secec-DF), incluiu grupos históricos do Carnaval local.

Um dos exemplos é o Galinho de Brasília, fundado em 1992 por amigos pernambucanos que decidiram levar à capital referências da folia de Recife e Olinda após não conseguirem viajar durante o confisco da poupança.

A primeira saída ocorreu na



Baratona é direcionado às famílias e teve origem em 1976

Asa Sul e deu origem ao bloco e ao Grêmio de Expressões Nordestinas (Grem).

Outro destaque é a Baratona, cuja origem remonta a 1976, quando moradores passaram a percorrer bares da Asa Sul em cli-

ma carnavalesco. Com o tempo, a iniciativa se transformou em um evento estruturado, voltado à convivência familiar, onde álcool e cigarros são proibidos.

Também criado em 1992, o Raparigueiros passou a levar ao

público músicas associadas ao Carnaval baiano. O grupo surgiu de encontros informais de jovens que acompanhavam outros blocos tradicionais e, com o crescimento da participação popular, incorporou trio elétrico e estrutura própria, tornando-se um dos símbolos da festa na cidade.

O DF Folia 2026 contou com um investimento de R\$ 10 milhões, dos quais mais de R\$ 8 milhões foram destinados diretamente aos blocos. Ao todo, 73 agremiações receberam recursos públicos para garantir infraestrutura e segurança. A programação ocorreu no Plano Piloto e em regiões administrativas como Ceilândia, Taguatinga, Samambaia, Planaltina, Gama, Sobradinho e São Sebastião, ampliando o acesso da população às atividades.

Divulgação/Malu Moura